

## **A ALMA E O CORPO: A POESIA DE ALEXANDRE GUARNIERI EM CORPO DE FESTIM**

**Gabriel Resende Santos**

Walt Whitman disse que não era preciso ter medo do seu corpo. Alexandre Guarnieri talvez concorde, mas a poesia no seu *Corpo de Festim*, lançado pela Confraria do Vento, não é uma jornada fácil, plácida, um corpo em repouso, com sono. O autor de *Casa das Máquinas* (Editora da Palavra, 2011), que já havia proposto no livro anterior uma maquinização poética do humano (e vice-versa), algo que se refletia na metamorfose lírica de um eu meramente humanóide, volta ao seu jogo de simbiose homem-ferramenta, Tetsuo em verso, com os olhos em constante exercício.

No primeiro livro, Guarnieri tentava atingir uma unidade total, a casa das máquinas, através de uma descrição de cada parte constituinte da grande máquina. O parafuso, o rebite, a engrenagem, a lâmpada. Os órgãos do monstro de fumaça recebiam detidamente a sua atenção, assim outras máquinas: a rotina com a monomania de um robô, a guerra, os jardins artificiais da metrópole. Máquinas que nos circundam. Aqui, em *Corpo de Festim*, ele começa um estudo sobre o humano em si de modo similar. Desta vez Guarnieri prefere as orelhas, os braços, os fluidos, o ânus. Mesmo o átomo de carbono, que norteia o capítulo (h)um. Trata-se da redução da redução para chegar ao geral, a descrição (ou canto) do que é menor em nós mesmos, as máquinas perfeitas. A coerência de Guarnieri é notável, no sentido de que este projeto complementa o primeiro,

compondo um vínculo dialético previsível talvez, mas inevitável levando em consideração suas preocupações temáticas e a natureza investigativa (alguns diriam obsessiva) de sua poesia.

Sobre a poesia, aliás. Não é tentar elaborar nenhuma genealogia, mas pra falar de influência: acho difícil não pensar em Kerouac quando leio Guarnieri. O ritmo alucinante/alucinador, que privilegia a sonoridade antes do sentido (mas sem negligenciar o último), a busca por uma poesia ou prosa pulsante. Os irmãos Campos, sobretudo o Haroldo, também estão ali. Experimentos com a palavra, com a sílaba, com os sinais gráficos e a aparência visual dos poemas (faz todo sentido considerando a bagagem do poeta, já que Guarnieri é licenciado em História da Arte e mestre em Tecnologia da Imagem pela UFRJ). É interessante como ele por vezes opta por blocos de texto, quase geometricamente perfeitos, que ainda sim quebram na hora certa, sem prejudicar a fluidez da leitura. Ou seja, se à primeira vista isso pode parecer uma escolha puramente estética, num sentido visual, revela-se também uma necessidade rítmica, métrica. Mais um ponto para o poeta.

Enfim, os sentimentos também estão ali. O misto de ternura e sarcasmo do coração, cujos átrios e ventrículos são descritos, até a repulsa do pus. E há o capítulo três, que termina numa invocação ou afirmação do eu seguida instantaneamente pelo aniquilamento da individualidade: o não-corpo, que num passe mágica é o último estágio/estado do livro, que por ser arte nunca passou de uma mentira de Houdini, um festim. Ressalto ainda que tais considerações são apenas algumas das centenas propiciadas pela leitura de mais de 100 páginas, um tamanho considerável pro que se vê em poesia contemporânea brasileira.

Parabenizo o poeta por se arriscar e assinar embaixo de uma (des)tradição poética pouco em evidência, fazendo um livro que não foi feito para agradar aos

incautos, mas confrontar e produzir reflexão. Num universo cada vez mais dependente da tecnologia, *Corpo de Festim* é, apesar de sua fixação ao tangível, ao real, ao cérebro, um livro dotado do "órgão" mais importante em uma obra literária: alma.

**Gabriel Resende Santos** (1994- ) é poeta nascido e criado no Rio de Janeiro, autor do livro de poemas *Elevador* (Patuá, 2014). Já traduziu poemas de e.e.cummings, Marianne Moore, Charles Bukowski, William Blake e Joshua Edwards. Participou de revistas como *Mallarmagens*, *Germina* e *Diversos Afins*. Acredita em Whitman e Rimbaud, mesmo sem assumir religião. Atualmente cursa Filosofia na UFRJ.